

# 7

## **O HUMOR NO CONTO ‘O BATIZADO DA VACA’, DE CHICO ANYSIO**

### **THE HUMOR IN THE TALE ‘O BATIZADO DA VACA’, OF CHICO ANYSIO**

**Luana Ferraz**

Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

**Ana Cristina Carmelino**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)/CAR; docente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objeto de estudo o conto ‘O batizado da vaca’, contido em livro homônimo, publicado pelo humorista e escritor Chico Anysio em 1972. Partindo dos pressupostos teóricos da Linguística Textual, temos como objetivo identificar os mecanismos linguístico-discursivos envolvidos na constituição do humor desse gênero, levando em conta suas contribuições ao estudo da Linguística por evidenciar ocorrências relevantes para a compreensão do funcionamento discursivo dos textos e dos recursos da língua. Ao analisarmos o conto supracitado, verificamos, a partir das considerações de Travaglia (1992) e Carmelino (2009), que o processo de referenciação, a exploração de estereótipos e a mistura de lugares sociais são mecanismos responsáveis pela deflagração do cômico nesse texto de um dos expoentes do humor brasileiro.

**Palavras-chave:** humor; conto; mecanismos linguísticos; Chico Anysio.

## ABSTRACT

This work aims to study the tale named *O batizado da vaca*, contained in the homonymous book published by the comedian and writer Chico Anysio in 1972. Based on the theoretical principles of Textual Linguistics, we aim to identify the mechanisms involved in linguistic and discursive constitution of the humor in this genre, taking account their contributions to the study of Linguistics per highlighting relevant events for the comprehension of the operation in discursive texts and language resources. In reviewing the tale above mentioned, we realize, from the considerations of Travaglia (1992) and Carmelino (2009), that the process of referentiation, the use of stereotypes and the mixture of social places are mechanisms responsible for the outbreak of the comic in this text written by one of the exponents in Brazilian humor.

**Keywords:** humor; tale; linguistic mechanisms; Chico Anysio.

## INTRODUÇÃO

Fenômeno complexo e multifacetado, o humor, presente em diferentes gêneros de vários domínios discursivos, tem, segundo Carmelino (2009), despertado a atenção e o interesse de profissionais das mais diversas áreas e, portanto, recebido ao longo da história enfoque de variadas abordagens teóricas; o que inclui inúmeras contribuições dadas por profissionais dedicados aos estudos linguísticos.

Considerando a abordagem linguística dos textos humorísticos, Carmelino (2009) – com base em Travaglia (1992) e Possenti (1998, 2010) – destaca elementos responsáveis por gerar a comicidade e que podem ser utilizados como categorias para análise, sejam eles: alguns mecanismos linguísticos, os temas focalizados pelo texto (em geral, os socialmente controversos) – que por si sós podem levar ao humor, os objetivos do humor (riso pelo riso, liberação, crítica social, denúncia etc.), e a linguagem que é priorizada.

Logo, tendo em vista a complexidade do efeito de sentido do fenômeno humorístico, este artigo procura demonstrar os mecanismos linguísticos envolvidos na constituição do humor no conto ‘O batizado da vaca’, de Chico Anysio. Para tanto, fundamentamos nosso estudo nas considerações de Travaglia (1992) e Carmelino (2009) sobre os mecanismos de construção do humor.

Em um primeiro momento, apresentamos algumas considerações gerais sobre o fenômeno humorístico e seus processos de construção, tomando como referência as reflexões de Travaglia (1990, 1992), Possenti (2001, 2010) e Carmelino (2009). Em seguida, abordamos aspectos da carreira do escritor Chico Anysio e sua relação com o humor, e, por fim, apresentamos a análise do conto ‘O batizado da vaca’ (1972), buscando observar os mecanismos geradores da situação humorística, com especial destaque para o processo de referenciação, para o uso de estereótipos e para a mistura de lugares sociais, meca-

nismos considerados por nós como fundamentais na construção do humor nesse conto.

## **HUMOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Ainda que o humor seja uma atividade ou faculdade amplamente disseminada em todas as esferas da vida humana, até a década de 1970, poucos foram os que procuraram desenvolver sobre ele alguma reflexão sistemática. A partir de então, as pesquisas sobre esse tema começaram a se desenvolver, embora tivessem de enfrentar as resistências acadêmicas, decorrentes, segundo Raskin (1987 *apud* TRAVAGLIA, 1990), da crença de que o que era de alguma forma agradável e divertido não poderia constituir assunto respeitável, digno de evidência e reconhecimento acadêmico. Contudo, depois de superadas tais resistências, o humor passou a constituir um campo de estudos que reúne esforços interdisciplinares, o que nos revela sua natureza complexa e multifacetada, com função que em muito ultrapassa a simples produção do riso (TRAVAGLIA, 1992; POSSENTI, 2010).

Podemos, portanto, afirmar que a produção do humor não se faz de forma gratuita, mas atende a necessidades de ordem política, social e psicológica, cumprindo funções específicas, conforme destaca Travaglia (1990): denúncia, manutenção do equilíbrio social e psicológico, crítica social, entre outras.

De acordo com Carmelino (2009, p. 105-106):

Ao longo do tempo, vários estudiosos deram explicações sobre a essência do humor e do riso, apresentaram classificações sobre os seus significados na sociedade, fizeram reflexões notáveis que se firmaram na história do pensamento e que, de certa forma, denunciam a complexidade do assunto.

Dessa forma, tal complexidade se fez e ainda se faz nítida diante das várias abordagens teóricas que tratam do fenômeno humorístico

(como é o caso das que provêm de diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, História, entre outras). Dentre as diversas abordagens, destacamos a linguística, tendo em vista que nosso interesse aqui é tratar mais especificamente dos mecanismos relacionados à língua e à situação para a construção do sentido no texto humorístico. Desse modo, é sobre esses mecanismos que passamos a tratar agora.

Possenti (2001), ao buscar explicar linguisticamente o humor, ressalta que não existe uma linguística do humor, mas áreas da linguística que podem fornecer instrumentos para esclarecer determinados aspectos da linguagem do humor. Assim, quando pretendemos entender o modo como a produção do humor pode ser explicada, podemos lançar mão de diversos elementos de análise, dentre os quais o autor destaca: a fonologia; a morfologia; a seleção do léxico; a sintaxe; a variação linguística; e alguns recursos linguísticos que possibilitam a compreensão das informações que não estão explícitas na superfície do texto, como é o caso da pressuposição, da inferência e do conhecimento prévio.

Travaglia (1992), por sua vez, ao analisar os elementos linguísticos utilizados para a construção do humor em programas humorísticos da televisão brasileira, distingue dois subgrupos: o grupo dos *scripts* (conhecimentos adquiridos a partir de nossas experiências em sociedade e armazenados em nossa memória sob a forma de um bloco conceitual) e o grupo dos mecanismos.

No que concerne aos *scripts*, Travaglia (1992) destaca o uso da estupidéz; da esperteza; do ridículo; do absurdo e da mesquinhez. Por outro lado, em relação aos mecanismos mobilizados na construção do humor, o autor considera: a cumplicidade; a ironia; a mistura de lugares sociais; a ambiguidade; o uso de estereótipo; a contradição; a sugestão; a descontinuidade de tópico; a paródia; o jogo de palavras;

o quebra-língua; o exagero; o desrespeito a regras conversacionais; as observações metalinguísticas e a violação de normas sociais.

Neste artigo procuramos discutir alguns dos mecanismos geradores da situação humorística, dando maior ênfase aos mecanismos de uso de estereótipos, a mistura de lugares sociais e ao processo de referência – identificados no texto em análise como os principais responsáveis pela deflagração do humor.

Convém, no entanto, ressaltar que nenhum desses mecanismos é humorístico em si, conforme lembra Travaglia (1992), mas mostram-se humorísticos diante da existência de uma situação enunciativa conscientemente classificada pelos interlocutores como humorística, tornando cômico aquilo que é dito ou acontece.

A partir dessas considerações, buscamos identificar como os mecanismos anteriormente destacados atuam na construção do humor do conto aqui proposto como objeto de análise, ‘O batizado da vaca’, do humorista brasileiro Chico Anysio, publicado em 1972, em livro homônimo.

## **1 CHICO ANYSIO: VIDA, OBRAS E HUMOR**

Antes de analisarmos a construção do humor em ‘O batizado da vaca’, é conveniente não só tecermos algumas considerações sobre certos aspectos da vida e das obras de Chico Anysio, como também estabelecermos a relação profissional desse autor com o humor, para que dessa forma possamos melhor circunstanciar o conto e o contexto no qual ele se insere. Para este relato, baseamo-nos em informações contidas no prefácio da obra analisada, de autoria de Rubem Braga, e atestadas por Chico Anysio em seu *site* oficial<sup>1</sup>, e naquelas apresentadas exclusivamente por Chico Anysio nesse mesmo *site*. Qualquer outra

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.chicoanysio.com/geral.htm>>. Acesso em: 07 jul. 2010.

informação que não faça parte dessas referências será apresentada acompanhada de sua fonte.

Francisco Anísio de Oliveira Paula Filho, ao qual chamamos Chico Anysio, nasceu na cidade de Maranguape, próximo a Fortaleza, Ceará, em 12 de abril de 1931 – apesar de sua certidão registrar 1929 – conforme ele próprio afirma em seu *site*. Aos oito anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde aos dezesseis participaria de dois concursos promovidos pela Rádio Guanabara, um deles visando à formação de um elenco de radioatores e o outro, um teste para locutores. No teste para locutor, tirou o segundo lugar, perdendo apenas para o futuro animador Sílvio Santos. Já no teste para radioatores, conseguiu o sétimo lugar de um total de 25 aprovados.

Na Rádio Guanabara Chico Anysio assumiu as mais variadas funções, tornando-se locutor da madrugada, galã de radionovela, narrador e repórter de campo. Além disso, quando a emissora lançou a linha humorística, foi convidado a participar fazendo papéis característicos (ou caricatos) – como gago, bêbado, preto velho, entre outros – começando, neste momento, a desenvolver sua habilidade para inventar tipos e histórias.

Na década de 1950, ‘época de ouro do rádio’, Chico Anysio passou a trabalhar na Rádio Clube de Pernambuco, e em seguida, na Rádio Clube do Brasil e na Rádio Mayrinck Veiga, escrevendo programas humorísticos. Escreveu roteiros para filmes da Atlântida e logo depois, em 1957, no programa *Noite de Gala* da TV-Rio, estreava na televisão, veículo que fez de Chico Anysio um sucesso nacional, divulgando sua galeria de tipos, “quase todos formando um grande bolo cujos ingredientes, em geral, eram a malandragem, a ingenuidade, uma certa sabedoria, uma pitada de grotesco e outra de bom caráter” (*Revista Veja*, 19/11/1975, p. 80).

No entanto, seu diálogo com as emissoras por onde passou (Tupi,

Record, Globo) nem sempre foi amistoso. Por esse motivo, Chico Anysio chegou a sair da TV em mais de uma oportunidade, dedicando-se ao teatro, dando início a uma série de shows que obtiveram enorme sucesso de público, segundo afirma a reportagem publicada pela *Revista Veja* em 1975 (p. 80)<sup>2</sup>. Voltando à TV definitivamente em 1973, fixou-se na Rede Globo de Televisão, onde permanece até hoje (com fim de contrato previsto para 2012, de acordo com o noticiado pelo *site Folha.com* em 22/04/2008)<sup>3</sup>.

Em sua vida artística não só produziu shows, discos, programas de rádio e TV, mas também atuou como ator e criou uma galeria de mais de duzentos personagens consagrados, como é o caso do Professor Raymundo, Alberto Roberto, Azambuja, Bozó, Painho, Tim Tones, Pantaleão, Bento Carneiro, Nazareno, Deputado Justo Veríssimo e tantos outros, muitos deles catalogados no livro *É mentira, Chico?*, publicado em 2007 pelo escritor e cartunista Ziraldo<sup>4</sup>.

O interessante disso tudo é que Chico Anysio não é apenas humorista. Ele também estendeu sua carreira à pintura, participando de exposições nacionais e internacionais; e à literatura, estabelecendo-se como autor de dezenas de livros, entre eles: *O batizado da vaca* (1972), *O enterro do anão* (1973), *É mentira, Terta?* (1973), *A curva do calombo* (1974), *Teje preso* (1975), *Feijoada no Copa* (1976), *O tocador de tuba* (1977), *Carapau* (1984), *A borboleta cinzenta* (1988), *Sou Francisco* (1992), *Jesuíno, o profeta* (1993), *O canalha* (2001), *Chico Anysio em salão de sinuca* (2005), e *Armazém do Chico: histórias que vi, ouvi e vivi* (2005), muitos dos quais estão esgotados.

<sup>2</sup> O conglomerado Chico Anísio. *Veja*, São Paulo, 19 nov. 1975. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 07 out. 2010.

<sup>3</sup> PRADO, M. A. “Ainda tenho condições de dar ibope à Globo”, diz Chico Anysio. *Folha.com*, São Paulo, 22 abr. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u394550.shtml>>. Acesso em: 07 out. 2010.

<sup>4</sup> Cf. TABACH, V. Livro eterniza 80 personagens de Chico Anysio. *Gosto de ler*. Disponível em: <[http://www.gostodeler.com.br/materia/2548/livro\\_eterniza\\_80\\_personagens\\_de\\_chico\\_anysio.html](http://www.gostodeler.com.br/materia/2548/livro_eterniza_80_personagens_de_chico_anysio.html)>; CANÔNICO, Marco Aurélio. Criações de Chico Anysio ganham livro com projeto de Ziraldo. *Folha.com*, São Paulo, 24 jun. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u306777.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2010.



São livros de piadas, mas também de crônicas, contos, romances, nos quais – para surpresa de alguns leitores – nem sempre o que prevalece é a vertente cômica. Sob um coro de elogios e outro de críticas – que colocaram em dúvida a qualidade literária de suas obras – Chico Anysio tornou-se um recordista de vendas, com livros presentes nas listas dos mais vendidos do país, algumas vezes ultrapassando escritores renomados como Jorge Amado ou Rubem Fonseca, conforme publicado pela *Revista Veja* em reportagem do dia 19/11/1975 (p. 81)<sup>5</sup>.

Seu primeiro livro, *O batizado da vaca*, publicado em 1972 pela Editora Sabiá, reúne vinte contos amenos que refletem a vida cotidiana de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo no início dos anos 70. Dentre as vinte histórias, simples, narradas em tom coloquial, destacamos para análise da constituição do humor aquela que dá nome ao livro: ‘O batizado da vaca’, que narra as aventuras de uma família urbana ao adquirir uma fazenda, na qual batizam uma novilha recém-nascida.

## **2 A CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM ‘O BATIZADO DA VACA’**

Neste item, analisamos os mecanismos linguístico-discursivos envolvidos na construção do humor do conto ‘O batizado da vaca’. No entanto, com o intuito de facilitar a compreensão de nossa análise, optamos por iniciar este item com um resumo do conto que utilizamos como objeto de análise.

Um dia, o ‘chefe’ de uma família urbana, ao deparar-se com um lugar encantador, resolve adquirir ali uma fazenda. Imediatamente, todos os demais familiares são contrários a essa ideia que é aparentemente absurda. Contudo, nenhuma opinião é ouvida pelo ‘chefe da família’, que considera estar diante do paraíso e logo adquire a alto

<sup>5</sup> O conglomerado Chico Anísio. *Veja*, São Paulo, 19 nov. 1975. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 07 out. 2010.

custo uma fazenda, de um proprietário que achava aquele o lugar mais idiota e sem imaginação.

Deslumbrado com a nova aquisição, o ‘chefe da família’ leva sua irritada esposa e filhos para passar o último dia de férias na fazenda: córrego, matas, vacas, rosas, charcos, galinhas e caseiros; uma verdadeira maravilha. Infelizmente a ‘esposa’ não via nada de interessante nisso tudo; o que em nada diminuía a animação do ‘chefe da família’, convencido que estava da beleza da nova propriedade. Toda sua! Era maravilhoso. E como se não bastasse, chega até eles um dos trabalhadores com a notícia do nascimento de uma nova bezerrinha: a fazenda acabava de crescer de valor.

Os filhos – entre eles uma ‘moça taluda’ e um ‘menino (?) de longos cabelos’ –, que conheciam as vacas dos desenhos nas latas de leite em pó, ficaram logo muito animados para ver a novilha. Acompanhados, então, por seus pais deslumbrados e por um caseiro indiferente – e até um pouco irritado pelo acréscimo de trabalho que uma vaca a mais representaria –, colocaram-se a admirar a recém-nascida.

Foi quando um deles teve uma ideia genial: batizar a vaca. Muitos nomes foram sugeridos, mas nenhum Mococa, Formosa ou Mimosa foi cogitado. As sugestões estavam entre Aretha Franklin, Califórnia, Otorrinolaringologia e outros nomes sugeridos a sério – como esses – ou por gozação. Prevalendo uma sugestão ‘orientada pelo bom senso’, dada pela ‘esposa’, a vaca foi enfim batizada como ‘Long Island’ e uma placa de madeira com a inscrição do nome foi devidamente colocada em seu pescoço para que o nome não fosse esquecido.

Acabadas as férias, a família retorna a sua poluição metropolitana e só pode voltar à fazenda dois anos depois, quando solicita ao caseiro um copo de leite da novilha, agora chamada secretamente – ao menos para eles – de vaca “Tabuleta”.

Inicialmente verificamos que a construção do sentido humorístico

no conto se dá, sobretudo, através do uso de estereótipos – representados pelas personagens membros da família urbana e do caseiro –, do processo de referenciação feito especialmente por expressões nominais (verificado no discurso dessas personagens), bem como da mistura de lugares sociais.

A configuração estereotípica, segundo Mondada e Dubois (2003), constitui uma forma de representação coletiva de protótipos, estabilizados por uma ampla distribuição social. No caso das personagens do conto, esta configuração fica clara na medida em que tais personagens são nomeadas por designações funcionais ou que aludem a uma posição social, como “o chefe da família”, “a esposa”, o “caseiro”; ou qualificações que fazem referência a características físicas, como “a moça mais taluda”, ou “o menino que, de tão longos cabelos, nem se sabia se era menino ou menina” – caso em que o estereótipo é explorado em associação ao preconceito em relação a uma conduta estigmatizada; o que por si só já conduz ao riso, pois, conforme afirma Travaglia (1992, p. 61), “o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo”.

Ainda mais representativo é o nome atribuído ao personagem ‘caseiro’: “José Caseiro da Silva”. Com quantos ‘Josés’ nos deparamos nas ruas todos os dias? Quantos de nossos amigos, parentes, colegas ou vizinhos atendem por esse nome, mesmo que acompanhado por outros como Carlos, Antônio ou Luiz? E ainda quantos de nossos conhecidos ou desconhecidos possuem em seus sobrenomes algumas construções como ‘da Costa’, ‘de Souza’, ‘de Oliveira’, ‘dos Santos’ ou a que momentaneamente mais nos interessa: ‘da Silva’? Todos, portanto, conhecemos empiricamente o caráter corriqueiro, em nossa sociedade, do nome ‘José da Silva’. Trata-se de um conhecimento prévio e pressuposto como partilhado entre o autor e os leitores do texto.

Koch e Elias (2006) destacam que, durante as atividades de leitura

e produção de sentidos, acionamos estratégias sociocognitivas que mobilizam diversos tipos de conhecimentos que temos armazenados em nossa memória. Tais conhecimentos são, segundo as autoras, divididos em três grandes grupos, a saber: conhecimento linguístico; conhecimento enciclopédico e conhecimento interacional, e constituem pré-requisitos essenciais para a produção de sentido em um texto.

No caso do nosso exemplo, podemos destacar a importância do conhecimento enciclopédico (aquele que se refere a conhecimentos gerais sobre o mundo, que aludem a experiências pessoais ou a eventos situados espaço-temporalmente), uma vez que ao desconhecermos o caráter ‘comum’ do nome José da Silva, não seria possível perceber a evidência dada à denominação ‘caseiro’ que aparece como parte do nome da personagem. Assim, não seríamos capazes de compreender a pouca importância dada à individualização, mostrando que o que importa neste caso é a ‘função’ desempenhada pela personagem, o que colabora com a configuração estereotípica.

Embora não tenhamos mais nenhuma descrição a respeito desses personagens, não é difícil para nenhum leitor imaginar todas essas figuras ou estimar um padrão comportamental para cada uma delas; o que nos mostra nossa categorização estável a respeito desses rótulos e o nosso conhecimento prévio acerca do que poderíamos considerar como o comportamento ‘normal’ dos indivíduos que ocupam essas ‘funções’. Isso constitui um fator fundamental para o desenvolvimento do humor no conto em questão, uma vez que, como veremos adiante, os padrões comportamentais que consideramos ‘normais’ para cada personagem interferem diretamente em sua adequação a um meio ou a uma situação.

No conto analisado, cada ‘personagem tipo’ ocupa um ‘lugar social’ revelado a partir de sua ‘função’. Percebemos que no conto ‘O batizado da vaca’, cada sujeito enunciativo ocupa um lugar de onde enuncia, o

qual pode ser entendido como representação de determinado ‘lugar social’.

De acordo com Mussalim (2001, p. 133), o lugar social ocupado pelo sujeito determina seu discurso, o que pode e o que não pode ser dito a partir desse lugar, pois “[...] este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso”. Assim, temos o lugar do ‘chefe da família’, o lugar do ‘caseiro’, o lugar da ‘esposa’.

Outro mecanismo linguístico que explica a construção do humor no conto é o processo de referenciação por expressão nominal. Esse tipo de referenciação é construído por meio de uma seleção lexical adequada ao ‘mundo’ sociocognitivo de cada personagem, pois “[...] a realidade não é construída, mantida ou alterada apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas também pela forma como, socio-cognitivamente, interagimos com ele [...]”, conforme afirma Koch (2006, p. 79) ao tratar a referenciação.

Ao referenciar o objeto ‘vaca’, por exemplo, verificamos um grupo de formas lexicais, consideradas como ‘normais’ porque associadas ao ‘mundo’ sociocognitivo do caseiro, trabalhador do campo acostumado a lidar com o animal em sua rotina diária, como é o caso de: “bezerinha”, “Mococa”, “Mimosa”, “Formosa”, “Maravilha”, “Vaquinha”, “peça”, ou simplesmente, “vaca”. Observemos um trecho (1) do conto onde encontramos várias dessas designações:

(1) “[...] nome que fica muito bem para parque de diversões, mas que não é dos mais adequados para quem tem cara de *Mimosa*, *Formosa*, *Maravilha* ou *Vaquinha* – modo, inclusive, que melhor ajuda o reconhecimento da *peça*.” (p. 40, grifos nossos).

Por outro lado, encontramos um outro grupo de formas associadas ao ‘mundo’ da família urbana que são utilizadas no processo de pro-

gressão referencial do mesmo objeto: Aretha Franklin, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Califórnia, Disneilândia, Erva Maldita, Otorrinolaringologia, Long Island – todos esses nomes sugeridos pela família como ‘nome de batismo’ para a novilha, como podemos verificar em outros trechos (2) e (3):

(2) “– *Aretha Franklin!*

– *Janis Joplin.*

– *Jimmy Hendrix* – sugeriu o mais velho – porque, até que me provem o contrário, essa vaquinha é touro; deixa levantar que vocês vão ver.” (p. 39, grifos nossos)

(3) “E tome de gritar nome: *Califórnia, Disneilândia, Erva Maldita, Otorrinolaringologia* [...] Foi a esposa quem sugeriu o nome que lhe pareceu o mais indicado para a novilhazinha que mamava no seio vaquerno: *Long Island.*” (p. 40, grifos nossos).

Assim, a forma como cada um dos personagens concebe o referente ‘vaca’ está diretamente relacionado ao lugar social que ocupa e imediatamente podemos perceber, através da escolha dos nomes, a dificuldade da família em designar ‘adequadamente’ a novilha, propondo designações consideradas ‘anormais’ para referir esse tipo de animal. As expressões nominais citadas nos trechos (2) e (3) para referenciar a novilha correspondem a nomes de músicos, Estados, especialidades médicas ou denominações comuns para parques de diversões, mas quando se refere a um animal, tais designações geram o absurdo – conceituado por Travaglia (1992) como contradição ou escape às regras ou condições determinadas – das formas sugeridas e, conseqüentemente, o humor.

Ainda em relação ao referente ‘vaca’, podemos, neste conto, destacar a ambigüidade – apontada por Travaglia (1992) como outro mecanismo gerador da comicidade. Observemos os trechos:

(4) “E começou a discussão sobre o nome a ser posto na

recém-nascida que, indiferente a tudo, mamava na mãe, provando, assim, que ela (a mãe) *não era tão vaca quanto julgavam.*” (p. 39, grifos nossos)

(5) “– *Está uma vaca!* – elogiou o caseiro de um *modo que soou ofensa aos ouvidos da família.*” (p. 40, grifos nossos)

A partir de nosso conhecimento de mundo reconhecemos a ambiguidade lexical, o duplo sentido acionado pela forma ‘vaca’ nos trechos (4) e (5). Os conhecimentos compartilhados pelos interlocutores garantem a construção da coerência e o processamento textual adequado, resgatando as informações implícitas no texto (cf. KOCH, 2009, p. 45). No caso dos exemplos acima, resgatamos a informação de que o termo ‘vaca’ pode ser atribuído tanto à fêmea de uma espécie bovina, quanto popularmente a uma figura feminina de conduta indigna, o que dependerá dos contextos social, cognitivo e interacional dos interlocutores. Desse modo, verificamos o uso do termo com seu sentido na linguagem formal para sugerir o sentido que ele tem na gíria, uma das formas de apresentação do mecanismo descrito por Travaglia (1992).

Reconduzindo nossa discussão à inadequação das personagens da família urbana ao meio – evento relacionado à mistura de lugares sociais, uma vez que o comportamento e o discurso das personagens atendem ao esperado diante dos papéis sociais que essas ocupam –, podemos assinalar que esta é aparente em muitos momentos, além da já destacada ‘sugestão de nomes’, construindo situações inusitadas e cômicas ao longo do texto.

Segundo Propp (1992, p. 59), “toda *particularidade* ou *estranheza* que distingue uma pessoa do meio que a circunda pode torná-la ridícula”. Logo, comportamentos que realçam a distância entre a conduta social considerada ‘normal’ para o ambiente da fazenda, manifestada pelo caseiro, e a conduta ‘anormal’ da família urbana conduzem ao

riso. Podemos verificar o contraste normalidade × anormalidade nos seguintes exemplos:

(6) “– Comprar terra é sempre bom negócio – vibrou o chefe da família, *puxando o ar, a encher o peito com um cheiro de estrume que vinha do estábulo.*” (p. 38, grifos nossos).

(7) “– Um boi desses – *errou o pai.*

– Um touro! – *corrigiu o caseiro, sabedor ele de que o boi é um touro que já era; boi é touro que perdeu os documentos.*” (p. 39, grifos nossos).

(8) “– Já dá leite? – perguntou um dos filhos.

– Dá né? – respondeu o caseiro estranhando a pergunta, *pelo fato de saber (ele é acostumado, porque vive ali) que as vacas não dão outra coisa senão leite.*” (p. 40, grifos nossos).

Por meio desses exemplos, assim como daqueles citados em relação à escolha dos referentes na ocasião do ‘batizado da vaca’, podemos averiguar que a conduta da família naquele ambiente social se assemelha à de estrangeiros, por não saberem exatamente como devem se portar, mostrando por vezes um comportamento exageradamente eufórico e, portanto, ridículo, como observamos no exemplo (6); por não conseguirem designar os objetos de forma fidedigna, como em (7); ou por mostrarem total falta de familiaridade com processos naturais do ambiente, como em (8). Nos dois últimos exemplos, devemos ressaltar que os desconhecimentos mostrados pela família abrem espaço para as correções do caseiro, que evidenciam novamente o absurdo, gerando o efeito cômico.

Convém reiterar que todos os mecanismos até agora destacados configuram o choque entre os lugares sociais representados pelos personagens estereotípicos (membros da família urbana e caseira), e que todos corroboram para evidenciar o fracasso na tentativa de ocupação de outro lugar social promovida pelo ‘chefe da família’,



que insiste em adquirir a fazenda, mesmo contrariando a opinião dos demais (9); e passa a se comportar como ‘um fazendeiro, dono de uma bela propriedade’, maravilhando-se com obviedades expressas por meio de redundâncias semânticas, as quais podemos classificar como tautologias, uma vez que atribuem ao sujeito qualidades que já lhe são inerentes, como em “flores tão rosas e “vacas tão bovinas” (cf. MARQUES, 1999).

Verificamos que as informações acionadas pela personagem ‘chefe da família’ são contrapostas desde o início do conto através da descrição atribuída pelo ex-proprietário da fazenda (10). Através dessa descrição, em que a fazenda é classificada como um ‘lugar idiota e monótono’ – características acentuadas pela relação de hipônimos e hiperônimos (flores/rosas; vacas/bovinas), agora explorados pejorativamente, e pelo uso da repetição de termos (rosas, rosas, rosas) – acionamos outro modelo cognitivo.

(9) “Consultou imediatamente a família que, de pronto, foi contra. *Isto colaborou demais para que o chefe da família entrasse em conversações com o proprietário de uma, que se queria desfazer da fazenda [...]*” (p. 38, grifos nossos).

(10) “[...] que se queria desfazer da fazenda, por achar que [...] as *flores* não fugiam daquela variedade: *rosas, rosas, rosas*, e as *vacas*, coitadas, eram simplesmente *bovinas* – numa total falta de imaginação. *Vá-se querer que as vacas tenham isso!*” (p. 38, grifos nossos).

Por meio dessa oposição de modelos cognitivos, manifestos através de diferentes estratégias de referenciação, é gerada a mistura de lugares sociais e o conflito que se estende ao longo do conto: a busca da família urbana por adaptar-se a um ambiente desconhecido. Os indivíduos claramente enquadrados em uma posição de sujeito procuram falar a partir de outra posição, o que constitui para Travaglia (1992) uma das formas pelas quais a mistura de lugares sociais pode ser utilizada para a construção do humor.

Por fim, verificamos que a tensão gerada pelo choque entre essas duas ‘realidades’ é liberada no final do conto, onde a invenção – o novo nome atribuído à vaca (Tabuleta), fruto da engenhosidade dos trabalhadores da fazenda – leva à surpresa, ao inusual, como podemos conferir no excerto abaixo (11):

(11) “E o caseiro, sem que a família ouvisse, comandou a um seu auxiliar que tirasse um pouco de leite da vaca ‘Tabuleta.’” (p. 40).

Como pudemos observar através desse trecho – que corresponde ao último parágrafo do conto –, o conflito é sabiamente solucionado pelas personagens do caseiro e de seu auxiliar, o que nos permite considerar a presença de mais um *script* gerador de efeito humorístico pontuado por Travaglia (1992): o *script* da astúcia. Citando Jerkovic (1970), Travaglia (1990, 1992) lembra a existência do herói “espertalhão”, que se sai bem em todas as situações, e com quem o público destinatário do humor se identifica, partilhando as vitórias, manifestando uma espécie de superioridade coletiva. Em ‘O batizado da vaca’, a esperteza manifestada pelo astuto caseiro na solução do conflito inverte a suposta superioridade do ‘chefe da família’, uma vez que a palavra ‘chefe’ normalmente nos remeteria a uma representação associada a ‘conhecimento’, ‘autoridade’, e a ‘poder’ em relação à figura do caseiro, em função daquilo que previamente conhecemos a respeito desses lugares sociais. Tal inversão permite escapar à superioridade do ‘conhecedor’ (JERKOVIC, 1970 apud TRAVAGLIA, 1990, p. 74) conduzindo a um sentimento de revanche compartilhado pelo leitor que participa da esperteza do ‘herói’, e gerando, em consequência, o efeito humorístico.

Podemos, levando em conta as considerações aqui feitas, constatar que a construção humorística de um texto pode estar relacionada a uma série de elementos distintos – conforme pontua Carmelino (2009), situando entre eles a abordagem particular de alguns temas e

o uso de mecanismos linguístico-discursivos, os quais são fartamente encontrados no conto ‘O batizado da vaca’.

Ao lançar mão não apenas de recursos recorrentes, ‘lugares-comuns’, muitas vezes discutidos por estudiosos do humor, mas também de construções inusitadas, o autor tem o mérito de construir um texto que ilustra os ‘clássicos’ mecanismos de construção do humor, e de, além disso, assegurar a originalidade, apontando para novas possibilidades no que diz respeito à constituição do efeito humorístico, fornecendo aos estudiosos da língua um rico objeto de análise.

## REFERÊNCIAS

ANYSIO, C. O batizado da vaca. In: ANYSIO, C. *O batizado da vaca*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972. p. 38-40.

\_\_\_\_\_. *O enterro do anão*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

\_\_\_\_\_. *É mentira, Terta?*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

\_\_\_\_\_. *A curva do calombo*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1974.

\_\_\_\_\_. *Teje preso*. Rio de Janeiro: Rocco, 1975.

\_\_\_\_\_. *Feijoada no Copa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1976.

\_\_\_\_\_. *O tocador de tuba*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

\_\_\_\_\_. *Carapau*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. *A borboleta cinzenta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sou Francisco*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

\_\_\_\_\_. *Jesuíno, o profeta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. *O canalha*. São Paulo: Editora Globo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Chico Anyasio em salão de sinuca*. São Paulo: Landscape, 2005.

\_\_\_\_\_. *Armazém do Chico: histórias que vi, ouvi e vivi*. São Paulo: Landscape, 2005.

CARMELINO, A. C. O texto humorístico: construção do sentido. In: VIDON, L. N.; LINS, M. P. P. (Org.). *Da análise descritiva aos estudos discursivos da linguagem: a linguística no Espírito Santo*. Vitória: PPGEL, 2009, v. 1, p. 105-122.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARQUES, M. H. D. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

PROPP, V. *Comichidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 1, 1990, p. 55-82.

\_\_\_\_\_. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura: Estudos linguísticos e literários*. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, p. 42-79, 1992.

## **ANEXO**

### **O BATIZADO DA VACA**

O LUGAR era tão bonito, o clima tão bom, as flores tão rosas e as vacas tão bovinas, que o chefe da família achou que valeria a pena comprar ali uma fazenda.

Consultou a família que, de pronto, foi contra. Isto colaborou demais para que o chefe da família entrasse, imediatamente, em conversações com o proprietário de uma, que se queria desfazer da fazenda, por achar que ela estava num lugar que não era lá essas coisas, o clima era idiota, as flores não fugiam daquela variedade: rosas, rosas, rosas, e as vacas, coitadas, eram simplesmente bovinas – numa total falta de imaginação. Vá-se querer que as vacas tenham isso!

O negócio foi fechado por um dinheiro grande, e a família tomou posse da propriedade dois dias depois, data que coincidia com a véspera do fim das férias.

A fazenda ficava num vale e era separada em duas partes por um córrego como o que só corre na infância dos escritores. Tinha matas e vacas, rosas e charcos, galinhas e caseiros.

– Uma idiotice, comprar essa fazenda – vaticinou a esposa, numa contrariedade de quem faz doze pontos.

– Comprar terra sempre é bom negócio – vibrou o chefe da família, puxando o ar, a encher o peito com um cheiro de estrume que vinha do estábulo. – Olhe em volta. Até onde a vista alcança, tudo é nosso. Está vendo o abacateiro? É nosso. Aquele caqui-chocolate? É nosso. A carreira de jabuticabeiras? Nossa. O mato, a casa, a cocheira, o estábulo, o caminho, tudo é nosso. Esse céu, que cobre a fazenda, é o único pedaço de céu que é nosso, porque o da cidade é do governo. Aqui, mandamos nós, porque aqui tudo é nosso!

– Pra quê? – sintetizou a mulher, numa pergunta de esposa.

– Ora – explicou admiravelmente o chefe da família – para ser nosso. Nossa terra, nosso chão, nosso cantinho, nossas rosas! – e pegou numa, furando o dedo.

Durante o curativo no dedo magoado um dos trabalhadores da fazenda aproximou-se com uma notícia muito importante: a fazenda acabava de crescer de valor pelo nascimento de uma bezerrinha.

– Viu? – comentou, vitorioso, o chefe da família, batendo nas costas da esposa, de modo a fazê-la cuspir a primeira jabuticaba que tentava comer. – Nasceu uma vaquinha!

A notícia correu para os demais da família ao mesmo tempo em que, para os pais, corriam os filhos, estes, sim, felizes, ao saber do nascimento da novilha.

– É menino ou menina? – perguntou um menino que, de tão longos cabelos, nem se sabia se era menino ou menina.

– Não é assim que se fala, menino – esclareceu o pai. – A pergunta é: bezerra ou bezerro? É uma bezerrinha.

– Vamos ver? Vamos ver? – gritavam os filhos a sugestão lógica das crianças que nunca viram vaca a não ser nos desenhos das latas de leite em pó.

Foram. A vaca não deixou que se aproximassem da cria, que ficou sendo observada a distância pela família encantada e pelo caseiro indiferente e até um pouco irritado por haver uma vaca a mais no seu mundo.

– Quem é o pai? – perguntou a moça mais taluda.

– Um boi desses – errou o pai.

– Um touro! – corrigiu o caseiro, sabedor ele de que o boi é um touro que já era; boi é um touro que perdeu os documentos.

– Pois é – emendou o pai na mesma veemência – um tourão danado desses. Olha a carinha dela. Os olhinhos ainda estão fechados.

– Vamos batizar! – gritou um menino.

– Boa ideia – concordou o chefe da família. Quem vai escolher o nome?

– Eu. Eu. Eu. Eu – disseram, um a cada vez, os quatro filhos do casal.

E começou a discussão sobre o nome a ser posto na recém-nascida que, indiferente a tudo, mamava na mãe, provando, assim, que ela (a mãe) não era tão vaca quanto julgavam.

– Aretha Franklin!

– Janis Joplin.

– Jimmy Hendrix – sugeriu o mais velho – porque, até que me provem o contrário, essa vaquinha é touro; deixa levantar que vocês vão ver.

– É fêmea, que o caseiro viu – afirmou o pai, voltando-se para o caseiro, na indagação do que já afirmara: – O senhor não viu?

– Vi. É fêmea.

E tome de gritar nome: Califórnia, Disneilândia, Erva Maldita, Otorrinolaringologia... Havia os nomes sugeridos a sério e os de go-

zação. Todos os que citei eram os a sério. Finalmente, o bom senso ajudou a solucionar o impasse. Foi a esposa quem sugeriu o nome que lhe pareceu o mais indicado para a novilhazinha que mamava no seio vaquerno: Long Island.

– Desculpe – desculpou-se o caseiro por não entender.

– Long Island – repetiu a mulher com uma naturalidade de quem fala “mococa”.

– A senhora podia escrever? – pediu o caseiro, confessando-se incapaz de decorar aquilo.

Arranjaram uma pequena tábua onde, com um prego, o chefe da família escreveu: LONG ISLAND, tabuazinha que, com o auxílio de um arame, ficou presa no pescoço da novilha para que ninguém, na fazenda, esquecesse que aquela jovem bovina atendia pelo nome de Long Island, nome que fica muito bem para parque de diversões, mas que não é dos mais adequados para quem tem cara de Mimosa, Formosa, Maravilha ou Vaquinha – modo, inclusive, que melhor ajuda o reconhecimento da peça.

Acabadas as férias, a família voltou à sua poluição metropolitana e só pôde retornar à fazenda dois anos depois.

Tudo continuava como dantes, com exceção de uma ou outra coisinha em pior estado, uma das quais o geral.

– Caseiro! – chamou o chefe da família, que não sabia que o caseiro tinha nome: José Caseiro da Silva.

– Pronto, doutor – obedeceu o caseiro meia hora depois, com a presteza de um favor bancário.

– Como vai a novilha?

– Está uma vaca! – elogiou o caseiro de um modo que soou ofensa aos ouvidos da família.



– Já dá leite? – perguntou um dos filhos.

– Dá, né? – respondeu o caseiro estranhando a pergunta, pelo fato de saber (ele é acostumado, porque vive ali) que as vacas não dão outra coisa senão leite.

– Pois eu quero beber um copo de leite da novilha – ordenou a esposa do chefe, madrinha de batismo da vaquinha.

E o caseiro, sem que a família ouvisse, comandou a um seu auxiliar que tirasse um pouco de leite da vaca “Tabuleta”.

